Índice

Capítulo I	11
Capítulo II	16
Capítulo III	22
Capítulo IV	35
Capítulo V	45
Capítulo VI	55
Capítulo VII	63
Capítulo VIII	71
Capítulo IX	83
Capítulo X	91
Capítulo XI	101
Capítulo XII	108
Capítulo XIII	116
Capítulo XIV	124
Capítulo XV	133
Capítulo XVI	139
Capítulo XVII	149
Capítulo XVIII	161
Capítulo XIX	169
Capítulo XX	177
Capítulo XXI	184
Capítulo XXII	194
Capítulo XXIII	199
Capítulo XXIV	206
Capítulo XXV	216

Capítulo XXVI 226
Capítulo XXVII 234
Capítulo XXVIII 242
Capítulo XXIX 256
Capítulo XXX 262
Capítulo XXXI 273
Capítulo XXXII 280
Capítulo XXXIII 290
Capítulo XXXIV 297
Capítulo XXXV 306
Capítulo XXXVI 315
Capítulo XXXVII 324
Capítulo XXXVIII 329
Capítulo XXXIX 347

Notas 359

Capítulo I

Pendurado pelos pés, continuava, ao cabo de três dias e três noites, sem comer, sem beber e talvez sem dormir, Arsénio Gauguí, quando a velha carrinha azul, que transportava os habitantes da aldeia de Vícios, uma vez por mês, até Praian, atravessou a grande arcada da Casa Comercial de Pedrus e parou no centro da praça principal e única da aldeia.

A Casa Comercial era igualmente única, e lá se passava tudo quanto era passável em Vícios; à excepção da missa dominical e das festas tradicionais. Era cor de barro cru, e, ao mesmo tempo: loja e armazém abastecedor; café e casa de pasto; hospedaria e casa de passe; prefeitura e barbearia; dependência geral e posto oficial da guarda local; sala de jogo aos sábados à noite e cinema aos domingos à tarde. Tratava-se de um grande edifício em forma de U, virado a norte, que cercava quase até ao meio a praça principal e única da aldeia. Na sua continuação, de ambos os lados, crescia Vícios: um enfileirado de casas, que se se unia no outro extremo, fechando o povoado por completo e conferindo-lhe o aspecto de um único e rectangular edifício; um forte da cor do chão barrento, salpicado do meio para cima por pequenas aberturas — fazendo lembrar mais seteiras que janelas — por onde a claridade do dia entrava a custo, mas o inundava fartamente de luz.

Quem olhasse a aldeia de fora não saberia dizer com exactidão onde terminava a Casa Comercial de Pedrus e começavam as habitações do lugar, mas atravessada a grande arcada, um quadro colorido destacava-se por completo dos monótonos contornos da moldu-

ra e uma agradável surpresa revelava-se, como por magia, aos olhos de quem chegasse. Das paredes rugosas das casas brotava um manancial de cor, dando a Vícios uma alma álacre, espelho pouco fiel ao corpo triste e circunspecto que do exterior aparentava ter. As casas, simples, de construção rudimentar, paredes tortas, feitas de adobe, grossas por causa do calor, rebocadas com uma fina camada de argila e maquilhadas com cores vivas, para disfarçar as cansadas rugas de um reboco gretado que a crueldade do clima castigava havia seis gerações, eram compostas por três partes distintas e independentes. Os terraços, caiados para reflectir o Sol e proteger as habitações mais um pouco do calor infernal do lugar, alcançados por uma escadaria que subia íngreme até ao topo de Vícios, no intervalo de cada duas, destinavam-se à secagem de vária ordem: da carne às peles, dos frutos à roupa. As habitações, no primeiro andar, formavam-se na maioria dos casos por uma cozinha-salão ampla e quartos de dormir, divididos por grossas cortinas de lã colorida: tudo quanto continha e abafava roncos e gemidos de umas divisões para as outras. As lojas, na parte inferior, mediadas pela linha do solo para que fossem mais frescas, eram comuns a toda a aldeia e continham, dependendo da casa: as alfaias e os arreios; o alambique e os lagares; a adega e a prensa; o moinho e os teares; o curtume e a tinturaria; a estufa do tabaco e a estufa da queijaria; o forno para o barro e o forno para o pão; a oficina e a carpintaria e uma ou outra arrecadação — para o vime ou para a lenha; para o feno do gado ou para a carpela dos colchões, que sendo tudo palha tinha diferentes funções. As necessidades e os asseios, esses, eram satisfeitos nas dependências gerais, ou seja, nas latrinas e banhos públicos, que funcionavam em cada um dos lados da grande arcada da Casa Comercial de Pedrus: homens a levante, mulheres a poente.

A meio da aldeia, centrado com a grande arcada da Casa Comercial de Pedrus, que em verdade não passava de um único e estreito arco — entrada única e a única saída de Vícios —, um edifício destacava-se dos demais. Imaculadamente branco, e simples como tudo por ali: a igreja matriz. Do lado esquerdo da entrada, uma torre alta e esguia esticava-se até ao limite de si para chegar a um modesto campanário, onde um não menos modesto sino tocava religiosamente cinco vezes por dia.

Nas traseiras do templo, contido por um invisível muro de pedras sobrepostas à altura de um homem, ficava o "jardim da eternidade": o cemitério de Vícios. As campas, rasas, apenas tinham a identificá-las uma simples cruz pintada da cor da casa que o corpo habitara em vida. Predominava o azul. Do muro, nem uma pedra se via, tapado estava por dois *guarda-espíritos* que o cobriam de um manto florido, ignorando limites, e conferindo ao mortiço lugar um pouco de vida. Nascidos em extremidades opostas do cemitério, pareciam, à primeira vista, crescer indiscriminadamente por onde houvesse muro, mas, quem bem atentasse, haveria de ver que apenas cresciam na direcção um do outro.

Guarda-espíritos fora o nome dado àquele género desconhecido de trepadeira de floração perene, salpicada de campânulas rubras que todo o ano exalavam um inebriante aroma que se espalhava pelo ar de Vícios, até um raio de cinco léguas. Pelo menos assim o afirmavam as gentes do lugar. Tratava-se de um aroma apaixonante, de embriagar os sentidos, sobretudo aos jovens enamorados. Dizia-se: "Par que das folhas chá beber, apaixonado viverá até morrer." Mas se realmente assim for, a seu tempo se saberá! Dissesse-se o que se dissesse acerca dos *guarda-espíritos* e dos seus efeitos, a verdade é que tornavam o cemitério no mais belo recanto de todo o povoado.

No centro da praça, a principal e única da aldeia, erguia-se, a perder de vista, um velho e solitário plátano, cuja copa larga e arredondada a sombreava quase por completo. A uns dez passos do desmedido tronco, na direcção da grande arcada, e ainda à sombra da soberba árvore, uma fonte com quatro bicas escorria para um tanque, o qual jamais se enchia, por mais água que lhe caísse dentro.

Infernalmente quente, Vícios situava-se na planura de um vale profundo e semi-árido, arquitectado desde as primeiras ideias da criação do Universo e esquecido desde as últimas obras de decoração do mundo, ali, no sopé de uma cordilheira de encostas montanhosas e mal vestidas, erguidas em todo o redor a ponto de tocar o céu, lembrando uma coroa de bronze sobre a cabeça calva de um rei de gigantes. O vale, de difícil acesso, era alcançado apenas por um estreito e ziguezagueante caminho que ligava Vícios ao mundo, isto é, a Praian e nunca mais longe. A meio, próximo do limite oriental

da aldeia, um estreito curso de água dividia-o irmãmente ao meio. Era um ribeiro ruidoso, como tudo aquilo que é pouco profundo, e que em parte alguma do seu curso molhava um homem acima do joelho ou necessitava este mais de meia dúzia passos para o transpor. Porém, nunca secava, por mais quente e prolongado que fosse o Estio. Nascido algures a meio da encosta norte, deslizava a medo os primeiros vinte metros, até à altura em que se enchia de coragem e corpo para se desprender da rocha mãe, tomar a forma de cascata e precipitar-se num salto de prender a respiração para o grande espelho de água que reflectia o céu quase todo e quase todo o azul que há nele, antes de se fazer ao caminho rumo ao outro extremo do vale, onde se sumia, terra adentro, para sabe Deus onde.

De ambos os lados do gargarejante ribeiro cresciam plantações de vária ordem, mas nenhuma se destacava tanto quanto a de tabaco, a grande fonte de sustento de Vícios. Do outro lado do povoado, no limite oposto do vale, ficavam os redis e os currais. Construções simples, de pedras sobrepostas, servindo apenas para que a "bicheza" não se espalhasse pelo vale ou pastasse de noite o trabalho do dia, pois nem feras nem ladrões de gado havia por aquelas paragens de ninguém.

Em Vícios, vivia-se do que a terra e o gado davam. Quase tudo quanto se colhia ou produzia era dividido irmãmente pelos habitantes, depois de subtraída a parte destinada ao mercado de Praian, onde, uma vez por mês, a velha carrinha azul levava Vícios a vender e a comprar. Só um artigo nunca retornava: os *Secretos Vícios* de Alfonso Vargas. Os produtos eram ainda, na maior parte das vezes, a moeda de troca entre os vicianos, e o dinheiro, pouco que havia, servia para os homens pagarem os serviços do corpo às meninas que perdoam tudo, e para as mulheres pagarem os serviços da alma ao senhor padre que não perdoa coisíssima nenhuma. Também no café e na loja do armazém abastecedor da Casa Comercial de Pedrus se pagava a dinheiro; de novo homens de um lado e mulheres do outro. A matiné de domingo era de borla e as apostas de sábado à noite, pagas com aguardente de cana ou tabaco. Todo o dinheiro conseguido das vendas no mercado de Praian, bem como as contas dos ganhos e gastos, eram entregues na tesouraria da Prefeitura, que funcionava como uma espécie de banca comum. Também os lucros se

dividiam por todos. Um décimo cabia à Prefeitura, e os nove restantes aos aldeões em partes iguais — cumprissem lá a função que cumprissem. No fim das contas, o que cabia a cada um era com cada um.

Por ali, os dias eram simples, pacatos e invariavelmente iguais a todos os anteriores. Mal o Sol começava a trepar a encosta, ouvia-se por todo o vale o repicar do modesto sino da igreja matriz chamar para a jorna. Sumido o último eco nos ares de Vícios, ou nos adormentados ouvidos da gente, começavam-se os homens a juntar, um a um, para mais um invariável dia de trabalho, dentro ou fora de muros, no vale ou nas montanhas. Um a um, no centro da praça principal e única da aldeia; um a um, debaixo do velho e solitário Plátano, onde agora, ao cabo de três dias e três noites, sem comer, sem beber e talvez sem dormir, continuava, pendurado pelos pés, Arsénio Gauguí.